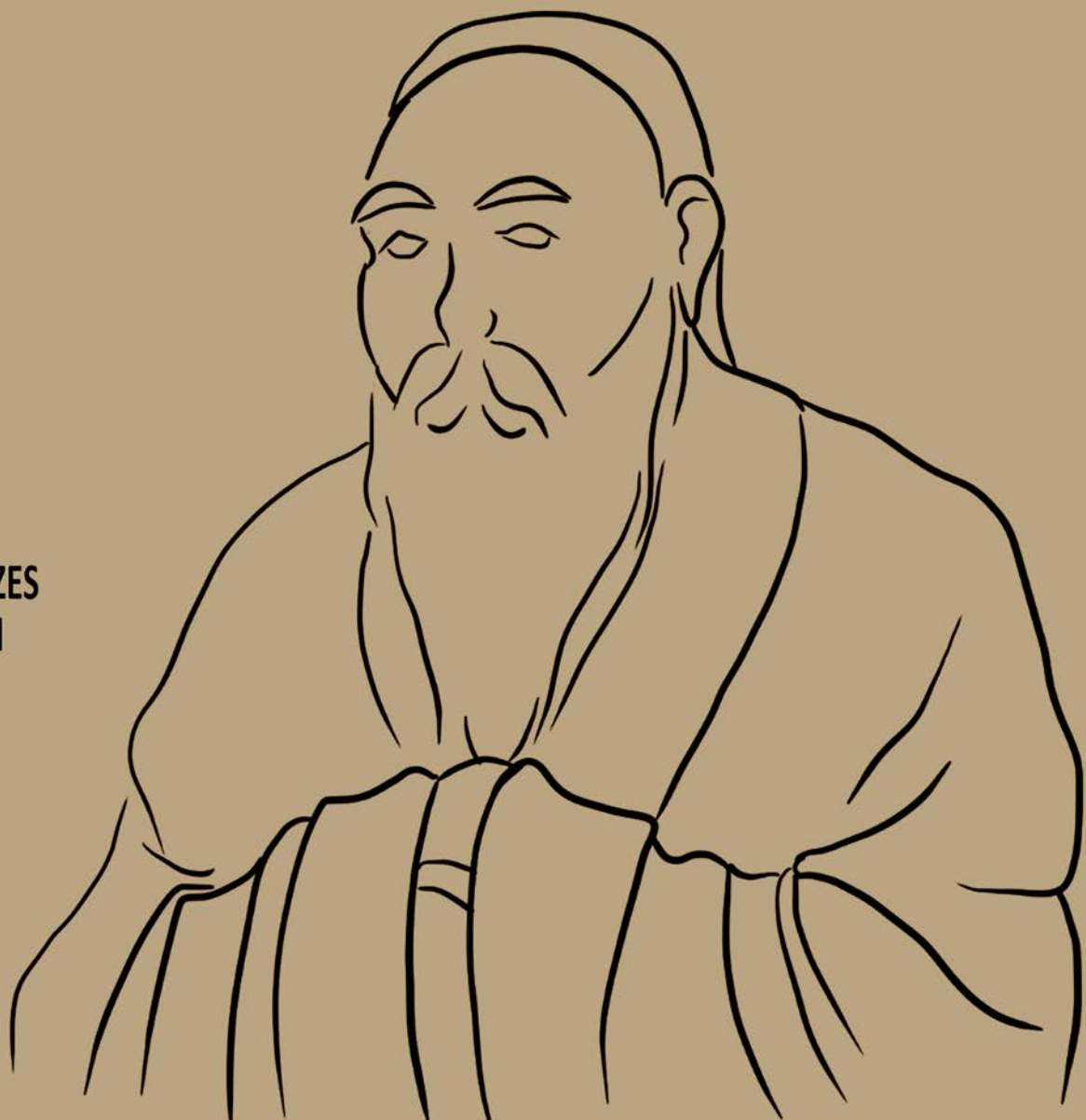


O
CONFUCIONISMO
E SEU
IMPACTO
NA
EDUCAÇÃO
5

PABLO H. MENEZES
MILTON A. AUTH



PABLO H. MENEZES
MILTON A. AUTH

O
CONFUCIONISMO
E SEU
IMPACTO
NA
EDUCAÇÃO

ITUIUTABA
2023

Sumário

Prefácio	3
Confúcio	5
Confucionismo	8
Confucionismo na Educação	13
Curricular e Metodológica.....	13
Sociocultural.....	20
Um olhar aplicado	24
Bibliografia	30

Prefácio

O Confucionismo e seu Impacto na Educação, parte de uma proposta de produto educacional desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática - UFU, a fim de apresentar a discentes da formação de professores a filosofia de Confúcio e o seu impacto na Educação da Sinoesfera, e levantar reflexões acerca de aplicabilidades, com o foco em conceitos atitudinais, na educação brasileira.

Tendo como público-alvo, alunos de licenciatura, e o objetivo, divulgação da educação confuciana, a decisão para cumprir tal propósito foi o desenvolvimento deste E-book, se pautando em alguns fatores. Dentre os principais, esse meio de divulgação possibilita a praticidade no compartilhamento e leitura pelo corpo estudantil. Com o formato determinado, iniciaram-se os desafios referentes à estruturação desta produção bibliográfica.

A primeira barreira a ser superada no desenvolvimento do E-book é a escolha da linguagem de escrita, e aqui optou-se, devido ao seu propósito de aplicação a alunos de graduação, em manter uma linguagem e formatação com características semelhantes às de artigos acadêmicos, a fim de proporcionar uma investigação cuidadosa de algumas fontes bibliográficas e apresentar possibilidades de pesquisas posteriores caso o aluno considere se aprofundar nessa temática.

Por último, pensando em integrar esse produto às aulas da graduação sem exigir uma profunda demanda de tempo dos licenciandos, teve de se tomar um cuidado quanto à extensão da obra. Após alguns debates acerca de como tal produto se encaixaria no calendário acadêmico, optou-se por manter a obra composta de, no máximo, 30 páginas. Tendo, assim, a determinação das características do E-book, partiu-se para o processo de escrita.

Como se observará ao longo desta obra, o impacto educacional do Confucionismo não se encontra exclusivamente em seus ideais, mas também em seu contexto histórico, que perdura a mais de 2 milênios. Portanto, decidiu-se iniciar o E-book explorando, a princípio, um pouco do contexto historiográfico, para somente em seguida, investigar alguns de seus principais ideais.

Após o referido contexto histórico, e uma breve apresentação do que é a filosofia de Confúcio, pode-se então partir para a investigação pedagógica do Confucionismo. Tal processo exigiu demasiado cuidado para não se estender nas investigações bibliográficas, devido ao limite de páginas proposto na obra em desenvolvimento. Porém, buscou-se focar em compreender a influência histórica e filosófica de Confúcio e de seus ensinamentos nos países do Leste asiático e, através disso, refletir sobre possíveis relações do desenvolvimento da educação nesses países e seus impactos, nas últimas décadas, resultando no “boom” econômico dessas culturas. Com isso em mente, busca-se entender sobre possíveis alcances dessa filosofia de acadêmicos para outras esferas e traçar propostas visando explorá-la na formação de professores em nosso país. O intuito é de encontrar possibilidades que possam impactar na nossa educação atual, pontuando, com discussões acerca do ensino atitudinal, e propondo uma reflexão referente a sua aplicabilidade no contexto educacional brasileiro.

A base para essa produção textual, é um estudo bibliográfico e documental, que abarca algumas das principais obras para o Confucionismo, como Os Analectos (论语 – *Lúnyǔ*) e O Livro dos Ritos (礼记 - *Lǐ Jì*), mais especificamente os capítulos conhecidos como Registro sobre Ensino e Aprendizagem (学记 – *Xué jì*) e O Grande Aprendizado (大学 - *Dà xué*).

Ao final, obteve-se uma obra concisa, porém com uma investigação, que não apenas apresenta conceitos confucianos, mas sim, estrutura seu desenvolvimento histórico, e se fecha em propostas reflexivas, acerca do cenário atual de ensino brasileiro, apontando para possibilidades de integração atitudinal de ideais do Confucionismo, com fim no desenvolvimento educacional.

O Confucionismo tem sido uma das vertentes filosóficas mais influentes no Leste Asiático ao longo da história desses países. Por mais de 2000 anos os ideais de Confúcio têm sido absorvidos pelas sociedades Chinesas e se tornaram não somente um código de ética, mas principalmente um aspecto intrínseco a essas culturas, se espalhando ao longo da história para as demais regiões da Sinoesfera.

Confúcio viveu há mais de 2500 anos, em um período conturbado da China, um momento de transição entre os períodos conhecidos na sua tradição historiográfica como “Primavera e Outono” (770 - 475 AEC) e “Estados Combatentes” (475 - 221 AEC), o qual foi marcado por intensas mudanças, conflitos e instabilidades políticas e sociais. Porém, ao mesmo tempo, foi um período de desenvolvimento significativo na literatura, arte e na filosofia dos povos *Hàn*. Durante sua vida educou inúmeros discípulos e espalhou seus pensamentos por alguns reinos de seu período. Seus ensinamentos extrapolaram a pessoa física de Confúcio, pois ao longo dos anos foram aderidos e abraçados por várias dinastias da China imperial, tornando-se, assim, parte central da cultura *Hàn*, levada a outros povos e etnias abarcados pelo poder de seu império.

É no seu papel como educador e divulgador dos conhecimentos, que chamamos no ocidente como Confucionismo, que essa obra se foca, buscando o levantamento de novas ideias e uma discussão, negligenciada no sistema educacional brasileiro, inclusive nos cursos de formação de professores.

Confúcio

Quando se pensa em grandes filósofos, somos levados diretamente para o período clássico da Grécia antiga e, com isso, nomes como Sócrates, Platão e muitos outros veem à mente de imediato. Se mudarmos um pouco a perspectiva e buscarmos um nome de impacto e influência demasiada na cultura ocidental, pode surgir aqui então o nome de Jesus, que apesar de ser uma figura que ainda levanta inúmeros debates acadêmicos entre seu papel histórico e religioso, é inegável a influência dos ideais cristãos não somente no Oriente Médio, mas também fortemente nas culturas europeias e nas Américas.

Porém, se esse mesmo exercício for repetido através de uma perspectiva das nações do leste asiático, um nome que certamente aparecerá de imediato será Confúcio (孔夫子 - *Kǒng fūzǐ*, em tradução literal “Mestre Kong”), pensador, educador e considerado por muitos como o “supremo editor” da cultura chinesa. Assim como Sócrates e Jesus, citados anteriormente, Confúcio é mais uma figura histórica enigmática, conhecida principalmente por relatos e obras póstumas escritas por seus alunos (Sinedino, 2012).

A história da criação da China é repleta de lacunas ainda estudadas por historiadores, mas que apresenta uma tradição e evolução fascinantes que nos conta a trajetória do conjunto de tribos no vale do rio Amarelo até se tornarem, hoje, o maior país do mundo.

A visão Chinesa tradicional sobre as origens do país, do “Reino do Meio” ou do ser humano tem sido cercada por muitas lendas. Fósseis humanos encontrados a pouco tempo na região oeste do país tem mais de 3 milhões de anos; outros remontam a 1,7 milhão de anos. Outros aparecem no fértil vale do rio Amarelo ou próximo a ele. O homem de Beijing viveu há cerca de meio milhão de anos no norte da China, ao passo que o homem neolítico viveu aproximadamente em 10.000 a.C. (Gelber, 2012, p. 25).

Tradicionalmente, a história chinesa se inicia com as chamadas Três Dinastias (三代 - *Sān dài*), sendo estas, dinastia Xia (夏朝 - *Xià cháo*), dinastia Shang (商朝 - *Shāng cháo*) e a dinastia Zhou (周朝 - *Zhōu cháo*), que, por sua vez, foi dividida em dois períodos, Zhou Ocidental (西周 - *Xī Zhōu*) e Zhou Oriental (东周 - *Dōng Zhōu*), sendo essa última, também, estudada em dois períodos distintos: Período da Primavera e Outono (春秋时代 - *Chūnqiū Shídài*) e Período dos Estados Combatentes (战国时代 - *Zhànguó Shídài*) (Gelber, 2012; MOURA, 2014).

O período de interesse para o nosso estudo é a Dinastia Zhou. Esta é marcada por um início histórico conflituoso, tendo sua formação inicial sido fragmentada e muito espalhada em grupos nômades, impedindo, assim, uma homogeneização da população como uma sociedade única. Isso resultou na criação do “Mandato do Céu” ou “Mandato Celeste”, buscando legitimar líderes de estado e evidenciar que “o céu reinava supremo entre todas as forças sobrenaturais e determinava os assuntos humanos” (Gelber, 2012, p. 33).

E foi na Dinastia Zhou, mais especificamente no Período da Primavera e Outono, em meio ao caos político e social, que marcou essa etapa da história chinesa em que viveu Confúcio (Sinedino, 2012). Nascido em 551 AEC, no Estado Feudal de Lu (魯国 - *Lǔ guó*), Confúcio viveu uma infância comum em pobreza. Porém, possivelmente por seu ascendente aristocrático, sua família tenha insistido na importância da educação, desenvolvendo, assim, conhecimentos que abrangiam ofícios das classes mais baixas, como o pastoreio, sem deixar a educação formal de lado (Costa, 2021; Gelber, 2012; Moura, 2014; Sinedino, 2012).

Como mencionado anteriormente, Confúcio é considerado o “supremo editor” da cultura chinesa (Cordeiro, 2009) por seu trabalho como transmissor de princípios éticos e humanitários, cujos conhecimentos aprendeu em estudos literários e documentais sobre o início da Dinastia Zhou, se dedicando à aplicação dessas tradições no período em que viveu (Benjamin, 2011). Os educadores que se dedicavam a essa missão de ensinar sobre como seguir o *Dào* (道 – caminho) eram chamados de *Rú* (儒 – Eruditos/Acadêmicos), e se especializavam nas mais diversas artes (Moura, 2014).

O Mestre disse: “Transmito, mas não crio. Confio e amo a antiguidade. Em segredo, comparo-me a meu velho [amigo] Peng”. (Analectos 7:1)

O Mestre disse: “Zhou contempla as duas dinastias. Quão exuberantes são suas tradições escritas! Eu sigo Zhou” (Analectos 3:14)

Apesar de seus desejos e esforços em busca de ascender a cargos de influência política a fim de espalhar e aplicar de maneira mais prática e direta seus ideais (Benjamin, 2011), Confúcio teve pouco sucesso nessa jornada política e se contentou com uma vida de professor. Essa função lhe possibilitou maior impacto e destaque, educando cerca de 3.000 alunos das mais diferentes classes econômicas (Li & Hayahoe, 2012), e que puderam, assim, assumir bons cargos na função pública e darem seguimento aos anseios do Mestre (Moura, 2014). Confúcio faleceu em 479 AEC, aos 72 anos de idade, porém seu legado se mostra presente até os dias atuais.

Três Dinastias (三代 - sān dài)



Dinastia Xia (夏朝 - Xià cháo)
2070 – 1600 AEC

Dinastia Shang (商朝 - Shāng cháo)
1600 – 1046 AEC

Dinastia Zhou (周朝 - Zhōu cháo)
1045 – 256 AEC

Dinastia Zhou (周朝 - Zhōu cháo)



Zhou Ocidental (西周 - Xī Zhōu)
1045 – 771 AEC

Zhou Oriental (东周 - Dōng Zhōu)
770 – 256 AEC

Zhou Oriental (东周 - Dōng Zhōu)



Período da Primavera e Outono
(春秋时代 - Chūnqiū Shídài)
770 – 476 AEC

Período dos Estados Combatentes
(战国时代 - Zhànguó Shídài)
475 – 221 AEC

Confucionismo

Os valores e ideais defendidos e trabalhados por Confúcio compreendem o que chamamos no Ocidente de Confucionismo (儒家 – *rújiā*) - note que o primeiro caractere é o mesmo utilizado para se referir ao grupo de intelectuais *Ru*, e não se faz nenhuma menção ao nome do Mestre Kong (Moura, 2014), e devido a isso, também utilizaremos ao longo desta obra termos como Filosofia dos Professores/Acadêmicos para nomear tal escola de pensamento - e tem como seu principal objetivo, seguir o *Dào* (道 – caminho), em busca de se tornar *Jūnzǐ* (君子 – pessoa exemplar) para, assim, alcançar *Tiān* (天 – céu) (Cordeiro, 2009; Gelber, 2012).

As principais obras que compõem cânone confuciano e apresentam esses valores e ideais sofreram uma série de mudanças, reedições e reinterpretções ao longo dos anos, partindo de “Os Seis Clássicos”, cujo primeiro registro data do Período dos Estados Combatentes (475 – 221 AEC), se tornando, na Dinastia Song (960 – 1279 EC), a série de livros conhecidas, atualmente, como “Os Treze Clássicos”. Esses são compostos pelo *Livro das Mutações*, *Livro da História*, *Livro da Poesia*, três comentários de *Primavera e Outono*, *Ritos de Zhou*, *Ritos de Etiqueta e Cerimonial*, *Livro dos Ritos*, *Livro da Piedade Filial*, *Os Analectos*, *Erya* (o primeiro dicionário chinês) e o *Livro de Mêncio*. (Yao, 2000)

Destas obras, as principais referências que trazem a perspectiva educacional do Confucionismo são *Os Analectos*, que é uma compilação póstuma de diálogos entre Confúcio e seus discípulos, e os capítulos Registro sobre Ensino e Aprendizagem (学记 – *Xué jì*), e *O Grande Aprendizado* (大学 - *Dà xué*), que são constituintes do *Livro dos Ritos*.

O Confucionismo, como afirma Gelber (2012), é considerado como sendo o mais influente dentre as três escolas de pensamento chinês quando tratamos da temática educação. Além disso, se elevou, segundo Sinedino (2012), ao ponto de ser estabelecido como um sistema cultural.

Para se compreender melhor esse sistema e seus ideais, é salutar o entendimento de alguns valores básicos ao Confucionismo:

(君子) *Jūnzǐ* – Pessoa exemplar

Para *Jūnzǐ* encontram-se traduções como “cavalheiro”, “pessoa superior”, “homem nobre”, “pessoa exemplar”, “homem de bem”, dentre outros.

Ser *Jūnzǐ*, no Confucionismo, é “ser um homem de integridade e índole e caráter nobres, um homem superior, que se eleva acima dos homens comuns e dos seus pequenos desejos” (Moura, 2014, p. 9).

O Mestre disse: “Aprender algo e depois poder praticá-lo com regularidade, isso não é um contentamento? Se amigos vêm de lugares distantes, isso também não é uma alegria? Se as pessoas não reconhecem [meu valor], e eu, apesar disso, não sinto rancor, isso também não é [característica] do Homem Nobre?”. (Analectos 1:1)

Nos *Analectos* encontramos momentos em que *Jūnzǐ* representa não apenas alguém que busca ser bom, mas também uma pessoa de nível social superior. Essa dubiedade do termo, para Sinedino (2012), demonstra que Confúcio reconhecia, apesar

de compreender a dificuldade, a possibilidade de conciliação entre virtude, poder e riqueza.

O Mestre disse: “Se o Homem Nobre não é grave, não pode ter autoridade; ao estudar, não terá convicção. [Deve] considerar lealdade e confiabilidade, o principal. Não deve fazer amizades com pessoas que não sejam como ele próprio. Se cometer erros, não deve ter medo de corrigi-los”. (Analectos 1:8)

(道) *Dào* – Código de ética

Dào é traduzido literalmente como “caminho” ou “via”, ou seja, seguir o *Dao* é seguir o código de ética confucionista (Moura, 2014).

Estudar para compreender e seguir o *Dào*, é a função do *Junzi*.

Zixia disse: “Os cem artesãos permanecem nas oficinas para completar suas obras, o Homem Nobre estuda para realizar o seu Caminho” (Analectos 19:7)

Porém, o *Jūnzǐ* não é levado só a compreender e seguir o *Dào*, é também incentivado a engrandecê-lo.

O Mestre disse: “São as pessoas que podem engrandecer o Caminho, não é o Caminho que pode engrandecer as pessoas”. (Analectos 15:28)

(孝) *Xiào* – Piedade Filial

Xiào (em português, Piedade Filial) é o conceito base da filosofia humanista de Confúcio. A relação com a família e com a consciência do papel de cada um em relação aos demais é a estruturação básica do que *Xiào* representa no Confucionismo (Gelber, 2012).

A relação pai e filho, como exposto por Moura (2014) e Cordeiro (2009), é o primeiro nível das chamadas “Cinco Relações”, sendo elas:

- Pai - filho;
- Marido - mulher;
- Irmã(o) - irmã(o);
- Amigo - amigo;
- Governante - súbdito

Ser *Xiào*, no Confucionismo, é não só ter consciência de seu papel e posição nos diferentes meios sociais, mas também se dedicar e demonstrar respeito a essas relações.

O Mestre disse: Deve-se observar quais são os ideais de alguém, caso seu pai esteja vivo, ou observar como tal pessoa age, caso seu pai já tenha falecido. Se por três anos o filho não deixar de seguir o Caminho do pai, pode-se dizer que ele é Filial” (Analectos 1:11)

(仁) *Rén* – Humanismo

Humanismo, ou em outras traduções, “humanidade” ou até mesmo “amor ao próximo” é um valor de suma importância para o Confucionismo. *Rén* é abordado em

diversos momentos em Os Analectos, nos apresentando desde *definições bem diretas* até definições sobre sua *prática*. Como exemplo de *definições diretas* consta:

Fan Chi perguntou sobre a Humanidade. O Mestre disse: “[É] amar as pessoas”. [...] (Analectos 12:22)

Rén pode ser traduzido diretamente como “duas pessoas”, pois o caractere 仁 é composto por 二 (dois) e 人 (pessoa). *Rén*, seria não simplesmente bondade, mas o elo social básico entre a humanidade. Assim, tudo conflui para a ideia de formar a humanidade em conformidade com o *Dào* e com o *Dé* (Virtude).

Por sua vez, definições sobre a *prática* do humanismo, por mais que seja um conceito muito ligado aos demais, deixam claro que *Rèn* deve ser algo que emerge de si próprio.

Yan Yuan perguntou sobre a Humanidade. O Mestre disse: “Dominar a si próprio, revigorar os Ritos: isso é Humanidade. Se um dia [as pessoas conseguirem] dominar a si próprias, revigorar os Ritos, então tudo sob o Céu retornará à Humanidade. Realizar a Humanidade cabe à própria pessoa, ou cabe aos outros?”. [...] (Analectos 12:1)

(礼) Lǐ – Ritos

Os Ritos, ou em algumas traduções “comportamentos normativos” é o conjunto de atos que estruturam o *Dào*. “Compreender e aprimorar *Dào* é pensar, sentir, e agir de acordo com *Lǐ*. Em outras palavras, o padrão de *Lǐ* é a estrutura interna de *Dào*” (orig.: “To realize and broaden dao is to think, feel, and act in accordance with li. Put another way, the pattern of li is the internal structure of dao”) (Tan, 2017, p. 3).

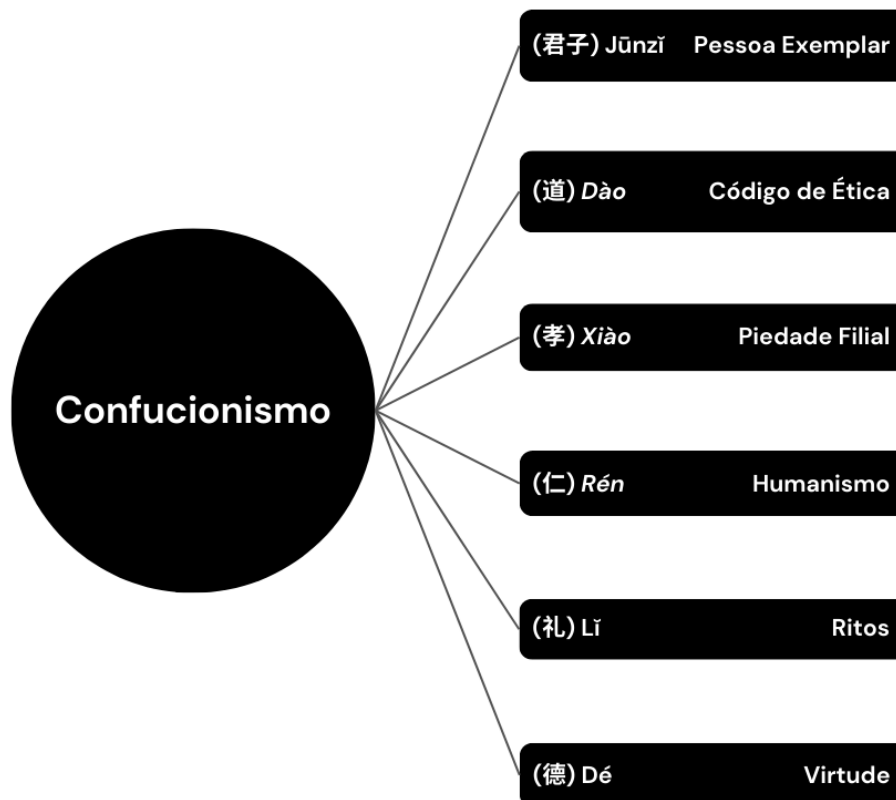
[...] Yan Yuan disse: “Permita-me perguntar quais itens [devo seguir]”. O mestre disse: “Se não for como nos Ritos, não veja; se não for como nos Ritos, não ouça; se não for como nos Ritos, não fale; se não for como nos Ritos, não aja” [...] (Analectos 12:1)

Esse segundo trecho do Analecto 12:1 expressa o quão fundamental e básico é esse conceito. Aspectos naturalmente humanos como ver, ouvir, falar e agir devem ser pautados em *Lǐ*, e complementa o raciocínio anterior sobre *Rén*, explorando sua relação direta com *Lǐ*, deixando claro o quão fundamental deve se tornar *Rén*.

(德) Dé – Virtude

Dé, traduzido como “virtude” apresenta um caráter não somente de “qualidade”, mas em alguns momentos também de “capacidade”. Ter *Dé*, na escola confuciana, é abraçar e se dedicar às suas virtudes, ao seu bom caráter.

O Mestre disse: “Caso o povo seja guiado pelo governo e [seu comportamento seja] uniformizado pelas punições, [ainda é possível que o povo] escape [das punições] e não tenha decoro. Caso o povo seja conduzido pela Virtude e disciplinado pelos Ritos, não apenas terá decoro, mas também se tornará Correto”. (Analectos 2:3)



Com base nesses valores, o pensamento confuciano nos demonstra uma perspectiva de trajetória focada no humano, que busca promover um autoaperfeiçoamento, com um foco social.

Ao longo dos anos o Confucionismo enfrentou altos e baixos na história da sociedade chinesa, passando pela “Queima dos Livros e Enterro dos intelectuais”, fato que ocorreu durante a Dinastia *Qín* - (秦朝 - 221 - 206 AEC), governo que sucedeu aos *Zhōu*, e é conhecido como o início da unificação chinesa. Porém, os *Qín* eram contrários aos valores de Confúcio e, durante seu domínio, nos anos de 213 - 210 AEC, foram queimadas todas as obras que iriam contra o defendido pelo governo. A maioria destas obras eram de caráter confuciano e, juntamente a isso, mais de 460 intelectuais foram enterrados vivos. Alguns estudos indicam que, nesse período conturbado para a filosofia de Confúcio, o *Livro da Música*, que também deveria fazer parte do cânone confuciano, se perdeu completamente. (Gelber, 2012; Moura, 2014).

Foi somente na Dinastia *Hàn* (汉朝 - 206 AEC - 220 EC), período conhecido como a “época dourada” da história chinesa, que os intelectuais que sobreviveram ao massacre foram ordenados a reescreverem os Clássicos do Confucionismo com o que não foi perdido. Formalmente, esse império adotou a filosofia confucionista como ideologia oficial de Estado (Moura, 2014).

Após essa formalização do Confucionismo como doutrina oficial da dinastia *Hàn*, tornou-se necessário o estudo dos Clássicos Confucianos para se tornar membro do governo. Foi então, como nos pontuam Yao (2000) e Costa (2021), fundadas as Instituições Imperiais (*Tài xué* 太学) no ano de 124 AEC, instituições estas, similares as universidades atuais, que seguiam o padrão de formação da escola confuciana com a

proposta de preparar os estudiosos, com base nos ideais e valores de Confúcio para assumirem os cargos oficiais na administração governamental dos *Hàn*.

Essa implementação com um foco educacional se mostrou um ponto crucial para a expansão e manutenção do Confucionismo ao longo dos anos. Isso se refletiu no grande número de eruditos *Rú* nos papéis políticos e administrativos na corte dos *Hàn*, e também, na grande quantidade de interpretações dos Clássicos Confucianos que surgiram nesse período (Costa, 2021; Yao, 2000).

O período pós- *Hàn*, até o início da Dinastia *Sòng* (宋朝 – 960 – 1279 EC), foi marcado por críticas de daoístas ao Confucionismo, e também pela forte influência budista na história da China. Durante esse novo momento conflituoso na vida dos chineses, a Filosofia dos Acadêmicos sofreu diversas mudanças e reinterpretações, dessa vez, muito influenciadas pelas demais ortodoxias presentes na Sinoesfera, sendo as de maior impacto, o Budismo e o Daoismo citadas previamente. Como resultado dessas trocas interculturais, temos, como é nomeado pelos sinólogos (estudiosos da China), o neoconfucionismo (Costa, 2021).

Mesmo pontuando essas influências e mudanças nas interpretações dos eruditos *Rú* diante de seus ideais e valores, o Confucionismo mais uma vez retomou seu papel como doutrina oficial do Estado, desde os *Sòng* até o final do período imperial (1911 EC). Nesse momento, as instituições imperiais e os concursos públicos baseados nos Clássicos Confucianos se reorganizaram e se expandiram pelo território dos povos *Hàn*, influenciando também a fundação de escolas privadas e até mesmo públicas estatais para sanar a necessidade do estudo dos clássicos (Costa, 2021; Sinedino, 2012).

Ao trazer esse olhar amplo para a história do Confucionismo no período da China Imperial, pode-se constatar que essa filosofia não é somente um ponto na história dos povos *Hàn*, mas sim uma constante, que perdurou e acompanhou as mudanças e evoluções socioculturais de uma sociedade como um todo. E essa influência, como nos aponta Sinedino (2012) e Costa (2021) não se sustenta apenas no papel político e governamental da filosofia de Confúcio, mas também em seu resgate às raízes e tradições que nunca parou de ocorrer.

Confucionismo na Educação

A influência do Confucionismo no desenvolvimento educacional dos países do leste asiático é inegável, porém é importante separarmos dois fatores responsáveis por tal impacto. Em primeira instância temos a influência metodológica e curricular presente nos livros e documentos base para os *Rú*, e aqui destacam-se algumas passagens de Os Analectos, e os capítulos O Grande Aprendizado (大学 – *Dà xué*) e Registro sobre Ensino e Aprendizagem (学记 – *Xué jì*) que se encontram no Livro dos Ritos (礼记 – *Lǐ Jì*). Enquanto isso, por outra perspectiva, existe a ação sociocultural dos valores da Filosofia dos Professores, que indireta e diretamente afetam o sistema educacional dos países sob influência dessa filosofia (Shen, 2008).

Curricular e Metodológica

Quando um governante emite decretos imperiais para buscar os mais capazes e dignos entre o povo, ele pode ganhar atenção e alguma reputação ao fazê-lo, mas não é suficiente para despertar, mover e cultivar o povo. Quando ele se aconselha com os sábios e estima os mais instruídos, ele pode melhorar as pessoas, mas ainda não é suficiente para realmente mudá-las e transformá-las. Se o governante exemplar realmente deseja transformar as pessoas para refinar seu modo de vida e tornar o cultivo uma prática diária padrão, então o único caminho é através da educação. (Xué jì 1)

A obra Registro sobre Ensino e Aprendizagem (*Xué jì*) é considerada, segundo Di et al. (2016) o primeiro texto chinês sobre pedagogia. Sua autoria permanece sendo uma incógnita para os estudiosos dos Clássicos Chineses, e este foi inicialmente canonizado como um capítulo do Livro dos Ritos. Esse texto já traz em seu primeiro trecho a pauta da presente obra, que é a discussão sobre o Confucionismo e seus impactos na educação.

Podemos notar em *Xué jì 1*, a importância imposta pelos Estudiosos *Rú* no papel da educação para o desenvolvimento individual e social da nação, pontuando esta, como a única ferramenta capaz de transformar as pessoas.

Outro texto importante para essa análise é Os Analectos, um dos principais textos para se compreender as ideias de Confúcio e sua perspectiva sobre o mundo, que também abre com uma menção direta à educação:

O Mestre disse: “Aprender algo e depois poder praticá-lo com regularidade, isso não é um contentamento? [...]”. (Analectos 1:1)

Porém, nesse momento, tem-se não apenas uma noção da educação como ponto de partida, mas também, de um outro tema bastante comum ao estudo da filosofia do Mestre que é, a prática de seus aprendizados como finalidade do processo de auto cultivo do indivíduo. Ponto esse destacado já no segundo trecho de O Grande Aprendizado (*Dà xué*):

Os antigos que desejavam ilustrar virtudes ilustres em todo o reino, primeiro ordenaram bem seus próprios estados. Desejando ordenar bem seus estados,

eles primeiro regularam suas famílias. Desejando regular suas famílias, eles primeiro cultivaram a si mesmos. Desejando cultivar a si mesmos, eles primeiro retificaram seus corações. Desejando retificar seus corações, eles primeiro procuraram ser sinceros em seus pensamentos. Desejando ser sinceros em seus pensamentos, eles primeiro ampliaram ao máximo seus conhecimentos. Essa extensão do conhecimento reside na investigação das coisas. As coisas sendo investigadas, o conhecimento tornou-se completo. Seu conhecimento sendo completo, seus pensamentos eram sinceros. Seus pensamentos sendo sinceros, seus corações foram então retificados. Sendo seus corações retificados, cultivavam a si mesmos. Tendo a si mesmos cultivados, suas famílias foram regulamentadas. Suas famílias sendo reguladas, seus estados foram corretamente governados. Seus estados sendo corretamente governados, todo o reino ficou tranquilo e feliz. Desde o Filho do Céu até a massa do povo, todos devem considerar o auto cultivo como a raiz de tudo. Não pode ser, quando a raiz é negligenciada, que o que deve brotar dela seja bem ordenado. Nunca foi o caso de o que era de grande importância ter sido pouco cuidado e, ao mesmo tempo, o que era de pouca importância ter sido muito cuidado. (Dà xué 2)

Nota-se então, com base nessas três citações confucianas a perspectiva de uma educação focada no cultivo pessoal, em função do desenvolvimento social, propondo uma formação de preparação do indivíduo para seguir e aprimorar o *Dào* (código de ética), com base em *Lǐ* (ritos) a fim de se tornar *Jūnzǐ* (pessoa exemplar). Ou seja, a proposta fundamental de uma educação confuciana “é possibilitar aos alunos compreenderem e aprimorarem o *Dào*, através da internalização e demonstração de *Lǐ* centrado em *Rén* (Humanismo) a todo momento” (Tan, 2017, p. 4).

Essa perspectiva escolar, se concretiza em um ambiente de aprendizagem ampla, comportando não somente as mais diversas disciplinas e temáticas (aqui incluídas as seis artes da Antiga China: ritos, música, arquearia, cavalaria, caligrafia e matemática), como também o aperfeiçoamento afetivo e comportamental dos estudantes. (Tan, 2017).

A cada ano, a Academia Imperial (xue 學) recebe novos alunos e, em anos alternados, os alunos fazem exames. Os alunos do primeiro ano são observados para determinar sua capacidade de analisar textos clássicos e como eles podem demonstrar seus interesses e aspirações na aprendizagem. Os alunos do terceiro ano são avaliados em seu compromisso com o aprendizado e em sua capacidade de se dar bem na comunidade acadêmica. Os alunos do quinto ano são examinados na amplitude de seu aprendizado e em sua devoção e respeito por seus professores. Os alunos do sétimo ano são julgados pela qualidade de seu debate acadêmico e pela escolha de amigos. Os alunos que chegaram a este nível são reconhecidos como tendo atingido um nível básico de realização. No nono ano de estudo, tendo dominado seus assuntos e aplicado seus conhecimentos amplamente e tendo estabelecido a si mesmos e seus objetivos com firmeza, pode-se dizer que os alunos se tornaram muito realizados. É só então que eles são capazes de cultivar e transformar as pessoas, e mudar velhos hábitos humanos e moldar novos modos de vida iluminados. Eles serão capazes de trazer os que estão próximos em um acordo harmonioso e ganhar o respeito dos que estão à distância. Esta, então, é a forma exemplar de ensinar e aprender. Não é isso que significa quando o texto antigo diz: “As formiguinhas que persistem em carregar minúsculos grãos de areia constroem vastos formigueiros”. (Xué jì 5)

Essa estrutura educacional, como nos aponta Bueno (2011), busca apresentar os alunos aos diversos conteúdos e habilidades a serem estudadas, e durante esse processo despertar os interesses individuais de cada aprendiz, a fim de se focar no desenvolvimento aprofundado de tal propensão, privilegiando, assim, a individualidade de cada um. Para tal, é incorreto que um educador atue como um repetidor de conteúdos, mas sim como um auxiliador nesse processo, buscando o despertar da consciência de um ensino como auto cultivo e investimento em si mesmo.

[...] Os alunos têm rédea solta para seguir seus próprios interesses e aspirações, antes que seus destinos sejam previstos por meio da adivinhação e da realização do grande di, um ritual de sacrifício ancestral imperial. Os professores os observam com grande intenção, mas sem intervenção, para respeitar as escolhas pessoais, intenções e propósitos dos alunos. [...] (Xué jì 6)

Ao analisar *Xué jì 6*, pode-se notar uma característica que também é resultado desse processo de auxílio no desenvolvimento da individualidade do aluno, apresentado pelo professor, que é o nascimento de uma autonomia no aprendiz. Essa faceta do estudante dos clássicos é destacada no oitavo trecho de Registro sobre Ensino e Aprendizagem

Portanto, como pessoas exemplares (Jūnzǐ) estudam, elas coletam conhecimento de todas as fontes, cultivam-se com ele, mergulham nele mesmo durante seu lazer e descanso, e vagam livremente por ele. Assim, eles encontram satisfação em seu aprendizado, se aproximam de seus professores, desfrutam de seu relacionamento com amigos e colegas e estão cada vez mais comprometidos com o caminho certo (Dao). Assim, mesmo separados dos mestres e companheiros, eles permanecem firmes no caminho do aprendizado sem vacilar. [...] (Xué jì 8)

Aqui, como também já havia sido mencionado em *Xué jì 5*, pode-se notar a importância não somente conteudista da educação, mas também seu papel de desenvolvimento social para os alunos. Essas diferentes temáticas se relacionam entre si e com o cotidiano dos estudantes na estruturação curricular, apresentando, assim, o que é chamado por Tan (2017) de um currículo holístico, de base ampla e integrada.

Com a explicitação da importância e a estruturação da educação confuciana, o Registro sobre Ensino e Aprendizagem parte, em seguida, para uma abordagem sobre o caminho que deve ser trilhado em busca de uma efetividade nesse processo. Explorando, a partir desse ponto, atitudes do educador e do aprendiz, levantando suas diferentes características e funções no processo educacional.

Para se iniciar tal discussão, *Xué jì 9* apresenta um dos trechos mais críticos ao sistema educacional, e que é, nas palavras de Bueno (2011, p. 28), “mais moderno, impossível”:

Hoje em dia, os professores falam monotonamente enquanto leem seus textos, tornando-os cada vez mais opacos. Eles continuam a transmitir informações, mas à medida que avançam, não prestam atenção em transmitir o significado, ou se isto é compreendido. Eles são incapazes de ajudar os alunos a se tornarem pessoas virtuosas e honestas. Em seu ensinar, eles falham em orientar seus alunos a desenvolver todo o seu potencial. O que eles fornecem é perverso e o

que eles exigem é absurdo. Assim sendo, é por isso que os alunos aprendem a detestar seus estudos e passam a se ressentir de seus professores. Eles sofreram as dores de tentar sem perceber os benefícios do aprendizado. No momento em que os alunos concluem seu curso de estudo, eles abandonam qualquer interesse adicional em aprender. Não é por isso que esse ensino ineficaz é uma perda de tempo? (Xué jì 9)

Ao rotular o alvo de tais acusações como um “ensino ineficaz”, o Registro sobre Ensino e Aprendizagem, a fim de sustentar tal crítica, apresenta em Xué jì 10 e 11 a perspectiva oposta através de 4 preceitos que fundamentam a “instrução eficaz” segundo a Filosofia dos Professores:

O primeiro preceito da academia é precaução: Proteja-se dos maus hábitos antes que eles se enraízem. A segunda é prontidão e tempo: Escolha o momento mais eficaz para o ensino. A terceira é felicidade e flexibilidade: Ajuste a estrutura e a sequência de seu ensino para se adequar tanto ao assunto quanto ao aluno. A quarta é observação e discussão: Deixe os alunos melhorarem uns aos outros através da interação. Esses quatro preceitos são o caminho para garantir uma instrução eficaz. (Xué jì 10)

Se você tentar proibir os maus hábitos depois que eles se formaram, não importa o quanto você lute contra eles, você falhará. Se os alunos perderem o momento certo para aprender, será difícil para eles terem sucesso, independentemente de quão assiduamente se apliquem. Se o professor carece de estrutura e falha em fazer as conexões necessárias, não haverá muito que os alunos possam fazer com os fragmentos e confusões que recebem. Se os alunos estudam sozinhos, sem a companhia de colegas e amigos, eles se tornam idiossincráticos em suas maneiras e limitados em seu aprendizado. Alunos que sempre festejam com os amigos tendem a se voltar contra seus professores, e aqueles que se envolvem em muitas atividades frívolas e distrações tendem a negligenciar seus estudos. Essas seis falhas levarão a um ensino e aprendizado ineficazes. (Xué jì 11)

Nesse ponto, é importante retomar essas últimas citações e relacionarmos as mesmas, a fim de refletir acerca do que é apresentado sobre o processo educacional confuciano.

Xué jì 9 inicia sua abordagem criticando a atuação docente de transmissor de textos e informações, reiterando o papel monótono, ausente de reflexões e conexões, por parte do educador. Tal atitude apresenta um direcionamento individualista e oposto ao preceito de se adaptar aos alunos e suas posições no processo educativo. Dificultando, assim, como exposto em Xué jì 11, o processo de compreensão e reflexão por parte do aprendiz.

Ou seja, uma das principais preocupações do educador nesse processo deve ser quanto a partir do cuidado no desenvolvimento de uma organização curricular e conteudista ordenada, a fim de levar seus alunos a uma progressão sistemática e reflexiva. Respeitando, como destaca Bueno (2011), os diversos ritmos de estudo, e trabalhando com foco em conexões que façam sentido para as mais diversas posições sociais e acadêmicas de cada aprendiz.

Para complementar essa discussão, pode-se avançar um pouco no Registro sobre Ensino e Aprendizagem e pontuar a importância de se compreender o interesse acadêmico de seus aprendizes, pois é exatamente sobre isso que Xué jì 17 busca refletir.

O educador precisa compreender quais alunos exigirão quais tipos de abordagem não apenas com base em seu contexto, mas também analisando sua paixão pelo estudo. “Aqueles que são bons em aprender não exigem muito esforço de seu professor [...]. Aqueles que não são bons em aprender exigem esforço real de seu professor [...]” (Xué jì 17).

Outro ponto de destaque nos trechos citados, e que já foi também mencionado anteriormente, é a função social da educação segundo a Filosofia dos Professores, papel esse diretamente ligado ao conceito de *Rén*.

Em Xué jì 10, o preceito de observação e discussão traz à tona o conceito de aprendizado por pares, que propõe o desenvolvimento educacional através de reflexões interativas entre os próprios alunos (Tan, 2017). Porém, como pode-se ver em Xué jì 5, um dos papéis da academia é a educação e o cuidado referente às escolhas de amigos e relações dos aprendizes. Esse cuidado busca uma justificativa, em Xué jì 11, ao apresentar os possíveis danos que sua negligência pode causar.

Tendo como base esse trabalho extensivo em compreender o aluno, ser capaz de trabalhar na adaptação de conteúdos, auxiliar no desenvolvimento social e desenvolver sua autonomia e propensão, pode-se perceber que o educador, para os confucianos, necessita de uma preparação e um amplo estudo com base nos preceitos dessa filosofia, ou seja, como apresentado no capítulo anterior, apenas um *Jūnzǐ* seria apto a atuar como um educador nas academias confucianas. E é exatamente sobre essa temática que discorrem os demais trechos do Registro sobre Ensino e Aprendizagem:

Somente pessoas exemplares (Jūnzǐ) que já entendem como tudo pode ser criado ou destruído através do ensino e aprendizagem são capazes de se tornar professores. O papel das pessoas exemplares como professores é iluminar: levar os alunos adiante por meio do raciocínio e da inspiração, em vez de arrastá-los; oferecer-lhes encorajamento, em vez de retê-los; abrir suas mentes, em vez de fornecer-lhes respostas fixas. Se os professores servem como guias, eles promovem a harmonia; se os professores encorajam os alunos, eles facilitam o crescimento dos mesmos; se os professores abrem a mente de seus alunos, eles promovem uma investigação ponderada. [...] (Xué jì 12)

Os professores devem entender os quatro erros que os alunos cometem. Em sua atitude para com os estudos, alguns erram por se estenderem demais, outros por se concentrarem de maneira muito estreita, alguns por pensar que é fácil demais e outros por desistir. Esses quatro erros surgem de diferenças no temperamento dos alunos. É somente quando os professores compreendem o temperamento de seus alunos que podem salvá-los do erro. Ensinar nada mais é do que promover a excelência nos alunos e resgatá-los do erro. (Xué jì 13)

Xué jì 12 e 13 se relacionam de forma a apresentar diretamente qual papel deve exercer um professor confuciano, e quais desafios poderá encontrar atuando com os mais diversos alunos. Nos é posto, então, um processo educacional que foca claramente no desenvolvimento reflexivo e crítico dos aprendizes, pautado na harmonia, no pensamento crítico e independente, e no encorajamento do aprendiz. Tendo sempre em razão a adaptabilidade de sua atuação perante os indivíduos a serem orientados, pois esses apresentam as mais diversas características, propensões e limitações.

Como é discutido por Bueno (2011), a educação confuciana expressa uma metodologia que busca o respeito ao ritmo dos alunos com base na adequação do

expediente didático. Focando no estímulo da expressão crítica e consciente por parte destes, sustentando-se em um equilíbrio entre o condicionamento e a liberdade no ambiente educacional.

Sinedino (2012) exemplifica a importância da reflexão crítica e independente como o fator emancipatório do aprendiz, em função de seu mestre, em busca da vida pública. É através dessa relação “estudar” e “pensar” que se torna autônomo.

Como complementação de tal análise, *Xué jì* 18 explicita esse papel do professor como mediador no desenvolvimento de raciocínio crítico dos alunos, quando nos apresenta que: “É essencial que os professores ouçam e respondam às perguntas dos alunos, e somente quando os alunos são incapazes de formular suas próprias perguntas é que os professores lhes oferecem instruções” (*Xué jì* 18). E somado a isso, tal trecho apresenta também o cuidado de se notar o ritmo do aprendiz, respeitando o seu caminhar acadêmico: “Quando os alunos depois de instruídos ainda não entenderem, os professores podem dispensá-los e aguardar um momento mais oportuno” (*Xué jì* 18).

E como analisa Sinedino (2012), ao se referir ao trecho 6:19 de Os Analectos, tal fator complementa, ao cuidado em conhecer as peculiaridades dos alunos, a necessidade de se adaptar aos diferentes graus de compreensão.

Dando seguimento ao papel do educador, de *Xué jì* 14 a 16, tem-se uma reflexão acerca da valorização deste, pois como mencionado no início desse tópico, a educação é tida como o único caminho, na perspectiva de Confúcio, para o auto cultivo das pessoas e, em consequência, da sociedade. Sendo assim, os mestres possuem um papel de extrema importância em uma sociedade sob influência dessa filosofia.

[...] excelentes professores inspiram os alunos a segui-los em sua dedicação ao aprendizado. Suas palavras de instrução devem ser concisas e ainda assim penetrantes, oblíquas e ainda profundas, esparsas em metáforas e ainda esclarecedoras, isso é o que significa inspirar os alunos a seguirem seus professores em sua aspiração de aprender. (Xué jì 14)

Pessoas exemplares (Jūnzǐ) que podem entender os desafios da verdadeira erudição, e que podem diferenciar a virtude do vício, são capazes de desenvolver amplo conhecimento e serem abrangentes em seus ensinamentos. E somente sendo capazes de desenvolver amplo conhecimento e sendo abrangentes em seus ensinamentos podem ser verdadeiros professores. Somente depois de servir como um professor experiente, alguém pode se tornar um verdadeiro líder, e somente depois de ter sucesso como líder, alguém pode se tornar um verdadeiro governante. Assim, o que é preciso para se tornar um verdadeiro professor é o mesmo caminho necessário para se tornar um verdadeiro governante. É por essa razão que devemos ser cautelosos na seleção de nossos professores. [...]. (Xué jì 15)

[...] Somente quando a maneira correta de aprender for reverenciada é que as pessoas perceberão que o aprendizado deve ser respeitado. Esta é a razão pela qual há duas ocasiões em que o governante não tratará seus ministros como seus subordinados: [...] e quando um ministro serve como professor do governante. De acordo com as propriedades da academia, o fato de que, quando um professor é convocado para instruir o imperador, ele não precisa se curvar para o norte ao se curvar ao governante, da maneira habitual, é assim, como o governante mostra seu respeito pela autoridade e status de seu professor. (Xué jì 16)

Através dessas passagens, o Registro sobre Ensino e Aprendizagem acrescenta maiores destaques à função do professor como um incentivador ao valor da educação, um papel cuja finalidade se encontra na propagação da importância do auto aperfeiçoamento por meio do ensino. Ou seja, é também, papel do Mestre auxiliar no desenvolvimento de *Dé* (Virtude) em seus aprendizes. E é através do estudo dos clássicos que o possível educador pode se qualificar como tal.

Analisando criticamente essas passagens, Bueno (2011) pontua que para um efetivo cumprimento à missão de motivar seus aprendizes a o seguirem, o professor deve apresentar atitude e linguagem equilibradas, se portando, simultaneamente, como humano e profissional, ministrando suas aulas com exemplos e analogias que sejam significativas para a vida do aluno. Devido a isso, tem-se a necessidade de escolher cuidadosamente os profissionais da educação, e em conjunto a isso, a sua devida valorização.

Dando continuidade, *Xué jì* 19 e 20, reforçam a necessidade da compreensão e atuação do professor através de exemplos e analogias:

[...] Pessoas exemplares (Jūnzǐ) ao pesquisar tais fenômenos são capazes de refletir sobre a melhor forma de ensinar e aprender. (Xué jì 19)

Os estudiosos antigos refletem sobre o aprendizado e o ensino por meio de associação, conexão e comparação. A batida do tambor não é o mesmo que os cinco tons da escala musical, mas os cinco tons não poderiam produzir uma melodia harmoniosa sem a cadência do tambor. A água não é o mesmo que as cinco cores, mas a paleta de cores não poderia ser exibida de maneira brilhante sem a água. A academia não é o mesmo que as cinco instituições de governo, mas essas instituições de governo não poderiam trazer ordem adequada sem a academia. Os professores não são o mesmo tipo de coisa que os cinco grupos de parentesco, mas esses grupos de parentesco não poderiam ser próximos e cordiais sem as lições do professor. (Xué jì 20)

Os educadores, segundo a Filosofia dos Professores, devem buscar se preencher de observações e reflexões sobre o mundo, a fim de pautar seu ensino dessa maneira. As reflexões e associações são um ferramental essencial para tal escola, possibilitando, assim, um relacionamento mais próximo com o dia a dia e com a realidade de seus alunos. Motivando-os também a refletir e debater sobre o que se é apresentado nas aulas e sobre os acontecimentos à sua volta. Em um processo como esse, “o professor, então, só pode fazer metade do caminho; a outra metade tem que ser feita pelo aluno” (Bueno, 2011, p.42), auxiliando no processo de autonomia que é o foco final da educação confuciana.

Confúcio também trouxe, nos *Analectos*, uma pontuação importante sobre tal atitude:

O Mestre disse: “Se [o discípulo] não se confunde, [o mestre] não deve lhe dar pistas; se não gagueja, não deve lhe completar as palavras; se [o mestre] diz [qual é] um canto [do quadro], e [o discípulo] não responde com [os outros] três, então não [lhe] ensina coisas novas”. (Analectos 7:8)

Sobre tal trecho, Sinedino (2012) afirma a necessidade, proposta por Confúcio, de o educador dar liberdade e autonomia para os aprendizes, esperando, durante suas

aulas e arguições, uma reflexão além do apresentado pelo mestre. Algo que o autor pontua comparando a perspectiva educacional ocidental, que foca no ensino de análises, com a educação da China antiga, que busca o desenvolvimento da intuição.

Para fechar essa análise pautada no Registro sobre Ensino e Aprendizagem, *Xué jì* 21 apresenta uma reflexão sobre o que é educar:

Pessoas exemplares (Junzi) disseram que a mais alta virtude não se manifesta por meio de qualquer posição ou autoridade oficial, que o maior Dao do mundo não é uma questão de dominar nenhuma habilidade ou ocupação específica, que a confiança e a credibilidade real entre as pessoas transcendem qualquer acordo, e que o grande ritmo da natureza não se limita a nenhuma estação em particular. Uma análise criteriosa desses quatro fenômenos fornecerá informações sobre o ensino e a aprendizagem. Quando os três grandes reis realizaram suas cerimônias de veneração à água, eles prestaram homenagem primeiro aos rios e depois ao oceano. Os rios são a fonte de água e o oceano é onde ela se acumula. Isso é o que significa devoção à raiz das coisas. (Xué jì 21)

Esse trecho de fechamento do Registro sobre Ensino e Aprendizagem, pontua, destacando o papel da Educação Moral na Filosofia dos Professores. Esse tema será aprofundado em maiores detalhes, com o auxílio de O Grande Aprendizado (*Dà xué*) no tópico seguinte, porém, como conclui Bueno (2011), *Xué jì* 21 fecha a reflexão dessa obra, com a analogia comparando o professor com os rios, e os alunos com os oceanos, destacando a importância e responsabilidade de tal posição no processo educacional.

Pode-se então notar, através de *Xué jì*, quais são os principais preceitos que pautam a educação confuciana. Essa escola tem como finalidade promover o auto aperfeiçoamento individual através da educação, com finalidade no desenvolvimento da sociedade como um todo. Tal processo educacional deve ser desenvolvido com base no desenvolvimento conteudista, reflexivo, autônomo, moral e social dos alunos. Pautando-se na busca e aprimoramento do que cada aprendiz tem a oferecer de melhor para si próprio e para a sociedade.

Sociocultural

Como mencionado ao longo do texto, o Confucionismo está presente na sociedade chinesa ao longo de mais de dois milênios e, durante o seu percurso histórico, se espalhou para outros países do leste asiático, como Coréia e Japão. Devido ao enfoque dos *Rú* no ensinar e aprender, o meio pedagógico foi altamente influenciado por essa filosofia.

Olhar para a educação chinesa através da lente da Filosofia dos Professores é um caminho para se obter a noção de um sistema educacional, cujas características e desenvolvimento foram altamente influenciadas por seus ideais. Tal sistema, segundo alguns estudiosos, se baseia, até os dias atuais, em alguns princípios Confucianos (Wang, 2006).

Autores como Wang (2006) e Zhang (2008), pontuam alguns desses princípios como sendo: o alto valor dado à educação; uma estrutura de ensino colaborativo e

pautado em reflexão e aplicação; o consenso de que o trabalho duro pode compensar a falta de habilidade; o respeito pelo professor como modelo de sabedoria e de moral; e o conceito de estudo como um dever moral e de responsabilidade da família.

No Livro da Poesia, é dito: "Olhe para aquele curso sinuoso do Qi, com os bambus verdes tão luxuriantes! Aqui está nosso elegante e talentoso príncipe! À medida que cortamos e arquivamos; à medida que talhamos e depois esmerilhamos: assim ele se cultivou. Quão sério ele é e digno! Quão majestoso e distinto! Nosso príncipe elegante e talentoso nunca pode ser esquecido. " Essa expressão - "À medida que cortamos e arquivamos", o trabalho de aprendizado. "À medida que talhamos e depois esmerilhamos", indica a auto cultura. "Quão sério ele é e digno!" indica o sentimento de reverência cautelosa. "Quão majestoso e distinto! indica um comportamento inspirador de reverência. "Nosso príncipe elegante e talentoso nunca pode ser esquecido", indica como, quando a virtude é completa e a excelência extrema, o povo não pode esquecê-los. [...] (Dà xué 4)

O Grande Aprendizado (Dà xué) apresenta bem o papel da educação como a raiz para o processo de cultivo pessoal, destacando-a como o princípio de uma formação de virtude e moral do aprendiz. Para tal, é necessário, segundo a obra, se despir dos demais empecilhos mentais e se focar no processo inteiramente.

O que se entende por "O cultivo da pessoa depende da retificação da mente pode ser assim ilustrado: - Se um homem estiver sob a influência da paixão, ele será incorreto em sua conduta. Ele será o mesmo, se estiver sob a influência do terror, ou sob a influência de afeto, ou sob a influência da tristeza e angústia. Quando a mente não está presente, olhamos e não vemos; ouvimos e não entendemos; comemos e não conhecemos o sabor de o que comemos, isto é o que significa dizer que o cultivo da pessoa depende da retificação da mente. (Dà xué 9)

Com base nesse olhar focado ao auto cultivo, Dà xué traz em seus trechos uma série de reflexões que ligam esse processo a aplicações à sociedade, em destaque aos cargos públicos e governamentais. Ou seja, trazer O Grande Aprendizado como uma complementação ao estudo de Xué jì auxilia, segundo as premissas Confucianas, na noção de importância do estudo como base para tudo. Essa análise auxilia, também, a corroborar os princípios apresentados anteriormente que pautam a educação atual da China.

Tendo tal noção, pode-se retomar aos ideais explicitados no capítulo anterior e destacar que os mesmos são apontados como aspectos de influência no atual destaque de estudantes, de países que tiveram influência dessa filosofia em sua história, em estudos comparativos internacionais. Aspectos como piedade filial e humanismo estruturam uma sociedade estável a seus princípios éticos e culturais ao longo dos anos, propagando tradições milenares por gerações e enfatizando integração e harmonia dentro da sociedade, relacionando-se a isso um comportamento de conformidade, obediência e respeito por superiores (Leung, 1998).

Xiào (Piedade filial) pode ser um fator que resulta também, na relação professor-aluno em países com histórico confuciano. Um erro comumente cometido por observadores ocidentais sobre tal relação, como nos aponta Wang (2006), é concluir que os professores são frios e autoritários, e que os estudantes apenas os ouvem sem

questionamento. O autor, nessa mesma obra, defende o fato de tal vínculo ser mais abrangente, extrapolando o ambiente da sala de aula.

O professor pode ter uma atitude formal e autoritária durante suas aulas, porém isso não está ligado a um processo educacional de transmissão de conhecimento de um superior para um inferior. Pelo contrário, o método de ensino se baseia na interação professor-aluno e até aluno-aluno, reforçando o caráter social desse ensino (Wang, 2006), e mais uma vez, reforçando o impacto de *Rén* (Humanismo) em sociedades com hereditariedade confuciana.

O laço construído por mestre e aprendiz tem, também, um caráter informal que pode ser observado fora da sala de aula, apresentando características que se assemelham a uma visão, por parte do aluno, do professor como um membro de uma família estendida, e como mencionado anteriormente, tendo o mesmo como um exemplo de *Dé* (virtude) e moral (Wang, 2006).

Essas características resultam em uma base de alunos que se conformam mais facilmente com as regras, proporcionando, assim, uma uniformidade quanto a suas conquistas acadêmicas se comparados aos ocidentais. Pelo lado negativo, esse olhar preso às normas pode inibir a criatividade e iniciativa de alguns alunos (Leung, 1998). Porém, como abordado no tópico anterior, e reforçado por Wang (2006), um dos principais métodos de debate e ensino proposto pela Filosofia dos Professores consiste em promover iniciativa nos estudantes, levando-os ao autoaperfeiçoamento como seres inteligentes, criativos, independentes, autônomos e autênticos.

Tal processo formativo pode ser difícil de assimilação para um observador ocidental, pois sua compreensão depende de um olhar mais profundo da cultura chinesa, e de uma análise sobre o conceito de aprendizagem dessa perspectiva. Para tal, Wang (2006), em seus estudos bibliográficos, resume alguns conceitos que podem exemplificar essa noção de aprendizagem, sendo a de maior destaque a relação entre memorização e compreensão.

Diferente do conceito ocidental de memorização, os países de histórico confuciano tratam esse processo não com um fim em si mesmo, mas como base para uma compreensão profunda, sendo apenas uma parte do processo de desenvolvimento de habilidades, que somado a reflexão e aplicação compreendem um ensino significativo (Wang, 2006).

Já foi dito que Confúcio sempre considerou a educação como uma forma de preparar seus discípulos para cargos de importância pública, a fim de alcançarem o objetivo de aplicar seus ideais na sociedade. Essa perspectiva aponta não somente uma valorização do ensino, como também uma crença no esforço para se alcançar seus objetivos.

Estudos apontados por Leung (1998) expressam esse olhar de atenção para a educação, como um formador de pais e professores mais preocupados com o alcance acadêmico de seus filhos e alunos, resultando em uma maior demanda de dedicação a atividades como leitura e exercícios matemáticos. Em paralelo a isso, a atribuição do sucesso e falha dos estudantes, por pais e professores com esse antepassado, é apontada para fatores internos e controláveis.

Como resultado desses aspectos socioculturais, nota-se uma evolução histórica e social desse valor dado ao estudo: “todo chinês está familiarizado com as várias histórias folclóricas da China Antiga sobre figuras famosas que passaram por momentos difíceis durante os estudos e eventualmente obtiveram sucesso” (Leung, 1998, p. 30). Isso se apresenta, também, no fato de a China ter sido o primeiro país a introduzir um sistema de exame nacional.

O trabalho de Justino (2019) demonstra essa dedicação e cobrança tendo como foco de estudo a preparação de estudantes chineses para o Gāokǎo, exame nacional de acesso à educação superior na China. Nesse estudo, pode-se perceber que os alunos do ensino médio quase sempre se privam de momentos de lazer para se dedicarem ao estudo para o exame, e tendem a se culpar individualmente quando fracassam no ingresso as universidades classificadas entre as melhores da China.

Todos os apontamentos feitos ao longo desse tópico são características de uma cultura social milenar que busca, através da educação, promover um aperfeiçoamento pessoal, com base em esforço e dedicação, em função da sociedade. É muita pretensão atribuir esse enfoque totalmente ao Confucionismo, mas os estudos históricos e sociais de países que aderiram a essa filosofia apontam uma forte influência nesse sentido.

Um olhar aplicado

O estudo desenvolvido ao longo dessa obra tem como finalidade pensar e debater possibilidades de integração e aplicação da filosofia de Confúcio na educação básica brasileira, e após a compreensão dos capítulos anteriores, observa-se que o destaque de uma educação confuciana não está na abordagem de fatos, conceitos ou procedimentos, mas sim no desenvolvimento atitudinal de estudantes e professores.

Porém, antes de se aprofundar em uma discussão acerca dos conteúdos atitudinais nas legislações que regem a formatação do ensino brasileiro atual, pode-se olhar para um documento cuja finalidade foi pautar as principais perspectivas educacionais a serem seguidas no século XXI, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, composto por Delors et al., intitulado de “Educação um Tesouro a Descobrir”, publicado em 1996 e traduzido para o português em 1998.

Neste documento, a Comissão analisa os sistemas educacionais no século XX e apresenta uma perspectiva para o século XXI, propondo horizontes, princípios e orientações a fim de embasar as estruturas educacionais. Abordando o cenário inicial da globalização e, em consequência, a necessidade de uma coesão social e destacando as mudanças econômicas e mercadológicas que afetam a formatação e conexão das educações básica e universitária, o relatório apresenta Os Quatro Pilares da Educação:

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (Delors et al., 1996, p. 89-90)

Ao apresentar tais pilares, a Comissão aponta, de forma crítica, a característica embasada, essencialmente, no aprender a conhecer e aprender a fazer do ensino formal, e destaca, como um dos maiores desafios, se trabalhar o pilar aprender a viver juntos.

Expandindo esse conceito, o Relatório expõe algumas características que poderiam ser amplamente suportadas em alguns ideais confucianos e até mesmo em algumas características da educação de Confúcio, entre elas, Xiào (Piedade Filial) e Rén (Humanismo), por exemplo.

Passando à descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. (Delors et al., 1996, p. 98)

Ao argumentar a favor de um processo de autoconhecimento como desenvolvimento de alteridade, pode-se suportar tal ensino, com base no apresentado anteriormente, na estrutura educacional focada no autoaperfeiçoamento em prol da sociedade do Confucionismo. Essa organização educacional, como fica exposta na análise de *Xué jì*, trabalha na avaliação do aluno em etapas, partindo do desenvolvimento interno e pessoal, em paralelo ao trabalho conteudista, e evoluindo no cuidado com a socialização do aprendiz e seu papel na sociedade.

Retomando rapidamente um dos trechos de *Xué jì*: “Deixe os alunos melhorarem uns aos outros através da interação” (*Xué jì* 10), nota-se aqui uma menção direta ao trabalho por pares, algo que o Relatório defende como parte do processo de aprender a viver juntos, ao trazer em seu texto: “Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos” (Delors et al., 1996, p. 98).

Além dessa relação aluno-sociedade e aluno-aluno, a Comissão faz apontamentos acerca da contribuição professor-aluno, no desenvolvimento de trabalhos conjuntos, possibilitando, assim, um estreitamento e até mesmo uma perspectiva de admiração nesse laço.

Tais falas apontam para um trabalho comunitário e social, não abandonando a individualidade e autonomia do estudante, argumento esse reforçado no *aprender a ser*:

Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. (Delors et al., 1996, p.100)

Com dada perspectiva, a Comissão argumenta, ainda, que esse processo de autoconhecimento e valorização do pensamento individual dos alunos é uma oportunidade de progresso social, visto que essa diversidade pessoal do aprendiz suporta a criatividade e inovação. Essas características, aprender a viver juntos e aprender a ser, podem facilmente ser observadas, como exposto nos tópicos anteriores, na estrutura Confuciana de se educar.

Tratando agora do argumento inicial, os conteúdos atitudinais buscam explorar valores, atitudes e normas com o propósito de desenvolver nos estudantes um olhar ético e coletivo. E como abordado anteriormente, os ideais de Confúcio nos demonstram essa perspectiva de trajetória focada no humanismo como forma de união social, de respeito e conformidade com sua trajetória, não somente educacional, mas também, de vida.

Reforçando, pontuamos nos tópicos anteriores uma estrutura educacional que tem como foco motivar o estudante a buscar, através do estudo, um autoaperfeiçoamento individual em prol da sociedade, tendo como pilares o

desenvolvimento da autonomia, das relações sociais, da reflexão, da autenticidade e dos propósitos de vida.

O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996), nos apresenta como um dos objetivos do ensino fundamental, o desenvolvimento de atitudes e valores, algo que, como abordado ao longo do texto, está entre os principais objetivos da Filosofia dos Professores.

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I** - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II** - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III** - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV** - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996)

O tópico IV do mesmo artigo traz como objetivo o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais, o que nos possibilita, assim como feito ao avaliar o Relatório para a UNESCO, fazer um paralelo direto com os conceitos de *Xiào* (Piedade Filial) e *Rén* (Humanismo) abordados como sendo os principais ideais da Filosofia dos Acadêmicos.

Vale adicionar a essa argumentação, a fim de reforçar seu destaque e importância no projeto educacional brasileiro, a reprodução destes tópicos, III e IV, nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, publicada em 2013. Os apresentando como objetivos da Educação Básica, mais especificamente ao discursar sobre o Ensino Fundamental, e retomando essa temática, no tópico posterior acerca do Ensino Médio, ao se apontar a importância da convivência familiar, social e escolar dos estudantes:

A formação ética, a autonomia intelectual, o pensamento crítico que construa sujeitos de direitos devem se iniciar desde o ingresso do estudante no mundo escolar. Como se sabe, estes são, a um só tempo, princípios e valores adquiridos durante a formação da personalidade do indivíduo. É, entretanto, por meio da convivência familiar, social e escolar que tais valores são internalizados. (Brasil, 2013, p. 39)

Tais conceitos são reforçados ao longo do tópico Elementos constitutivos para a organização das Diretrizes Curriculares Nacionais, ao indicar como direcionamento no desenvolvimento dos projetos político-pedagógicos:

[...]

III – o desenvolvimento de esforços pedagógicos com intenções educativas, comprometidas com a educação cidadã;

IV – a avaliação do desenvolvimento das aprendizagens como processo formativo e permanente de reconhecimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções;

[...]

VI – o comportamento ético e solidário, como ponto de partida para o reconhecimento dos deveres e direitos da cidadania, para a prática do humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro;

[...]

XI – a promoção de atividades sociais que estimulem o convívio humano e interativo do mundo dos jovens;

[...]

XIII – a garantia do acompanhamento da vida escolar dos estudantes, desde o diagnóstico preliminar, acompanhamento do desempenho e integração com a família;

[...]

XV – o estímulo da capacidade de aprender do estudante, desenvolvendo o autodidatismo e autonomia dos estudantes;

[...]. (Brasil, 2013, p. 50)

Mais adiante, ao discorrer sobre a Gestão democrática e organização da escola, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), mais uma vez, apontam para a importância de um desenvolvimento social e comunitário dos estudantes, ao propor a necessidade de disponibilização de espaços de trabalhos comunitários, e destacar a necessidade da valorização pela busca de soluções conjuntas.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos demonstra como alguns dos deveres das escolas, ao acolher a juventude, como sendo:

- valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida;
- assegurar tempos e espaços para que os estudantes reflitam sobre suas experiências e aprendizagens individuais e interpessoais, de modo a valorizarem o conhecimento, confiarem em sua capacidade de aprender, e identificarem e utilizarem estratégias mais eficientes a seu aprendizado;
- promover a aprendizagem colaborativa, desenvolvendo nos estudantes a capacidade de trabalharem em equipe e aprenderem com seus pares; e
- estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral, alicerçadas no conhecimento e na inovação. (BRASIL, 2018, p. 465)

Atentando ao que a BNCC nos apresenta nessas diretrizes, nota-se o dever do docente de explorar em seus alunos o desenvolvimento individual e coletivo, pensando em seus projetos de vida, na forma como se relacionam e trabalham em conjunto e, ainda, na integração desses discente na sociedade em geral. Todos esses fatores são destaque ao longo de *Xué jì* (Registro sobre Ensino e Aprendizagem), do texto Educação um Tesouro a Descobrir, e foram parte de nosso debate nessa obra.

Pensar na aplicabilidade de uma filosofia tão distante, no tempo e no espaço, da nossa sociedade atual, pode ser uma ideia conflituosa à primeira vista, mas com base em tudo o que foi estudado nesse texto, a proposta de se levantar um debate sobre essa possibilidade é apenas o início para tal desenvolvimento. O estudo de uma filosofia

antiga e que não faz parte do nosso conhecimento geral é trabalhoso e lento, porém, aos poucos, pretende-se aprofundar mais e mais esse olhar e ideias, a fim de ampliar, não somente as possibilidades de trabalho, como o interesse de demais educadores no estudo da educação na Sinoesfera. Porém, esse processo precisa partir de algum ponto, e é nesse momento, que se pode olhar para a formação de professores.

A grande força dos professores reside no exemplo que dão, manifestando sua curiosidade e sua abertura de espírito, e mostrando-se prontos a sujeitar as suas hipóteses à prova dos fatos e até a reconhecer os próprios erros. Devem, sobretudo, transmitir o gosto pelo estudo. A Comissão julga que é preciso repensar a formação de professores de maneira a cultivar nos futuros professores, precisamente, as qualidades humanas e intelectuais aptas a favorecer uma nova perspectiva de ensino que vá no sentido proposto pelo presente relatório. (Delors et al., 1996, p.157)

Olhando mais uma vez para o Relatório para a UNESCO, nota-se uma preocupação com a formação de professores a fim de sanar as necessidades disposta ao longo do texto. Paralelamente a isso, o presente trabalho busca apresentar os argumentos a favor do intercâmbio educacional da Sinoesfera com o Brasil, também focada na formação de professores.

Para se promover uma educação instigadora e de caráter social, como proposto na Filosofia dos Professores, a preparação do professor é, segundo *Xué jì*, uma tarefa essencial e cuidadosa. “E somente sendo capazes de desenvolver amplo conhecimento e sendo abrangentes em seus ensinamentos podem ser verdadeiros professores” (*Xué jì* 15).

Se aprofundando um pouco mais no Relatório para a UNESCO, em seu tópico dedicado à qualidade dos educadores, uma série de perspectivas, dentre elas o cuidado no recrutamento, a participação conjunta da gestão e de agentes exteriores à escola e até uma discussão acerca das condições de trabalho, são apresentadas, mas olhando especificamente para a formação do discente, tem-se que:

A formação de professores deve, por outro lado, inculcar-lhes uma concepção de pedagogia que transcende o utilitário e estimule a capacidade de questionar, a interação, a análise de diferentes hipóteses. Uma das finalidades essenciais da formação de professores, quer inicial quer contínua, é desenvolver neles as qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva que a sociedade espera deles de modo a poderem em seguida cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades. (Delors et al., 1996, p.162)

Esse trecho, mais uma vez, auxilia na noção da necessidade de se olhar para culturas diversas, com é o caso do Confucionismo no presente debate, durante o processo de formação dos futuros professores, com o intuito do desenvolvimento amplo de possibilidades e ferramentas educacionais.

Argumentando a favor da filosofia de Confúcio, tal debate no ambiente universitário, pode vir a agregar não apenas no sentido amplo de se conhecer novas culturas, como também, no auxílio curricular e metodológico, fator abordado em

tópicos anteriores, que estruturam um sistema de ensino que tem muito a ensinar nos aspectos éticos, afetivos e comportamentais.

Em resumo, o estudo da educação de países do Leste Asiático apresenta possibilidades pouco exploradas por acadêmicos brasileiros, e pode ser um excelente norteador para se repensar nos papéis de cada membro das comunidades educacionais do Brasil. Pontuamos aqui, que o estudo da escola de Confúcio é apenas o ponto de partida, e uma das inúmeras possibilidades de investigação a serem desenvolvidas pelos educadores e pesquisadores que anseiam por um ensino não apenas conteudista, mas também reflexivo, autônomo, moral e social.

Bibliografia

BENJAMIN, Cesar. Confúcio e a ordem moral. In: WILHEM, Richard., QIAN, Sima. & Ming, Ku. Hung. **Introdução a Confúcio**. Contraponto, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9.394, 1996.

BUENO, André. EducArt: a educação chinesa na visão confucionista. União da Vitória, 2011.

CHINESE TEXT PROJECT, The Analects, 2016. Disponível em <<https://ctext.org/analects>> Acesso em: jan/2023.

CHINESE TEXT PROJECT, Xué jì, 2016. Disponível em < <https://ctext.org/liji/xue-ji>> Acesso em: jan/2023.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 04-11, 2009.

COSTA, Matheus Oliva da. Confucionismo: uma abordagem intercultural. Curitiba: InterSaberes, 2021.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DI, Xu. & MCEWAN, Hunter. (Edit.), Chinese philosophy on teaching and learning: Xué jì in the twenty-first century. Albany: State University of New York, 2016.

GELBER, Harry G. **O Dragão e os Demônios Estrangeiros: A China e o mundo, de 1100 A. C. aos dias atuais**. Editora Record, 2012.

JUSTINO, Rogério. Estudantes universitários brasileiros e chineses: um estudo comparado dos exames Enem e Gaokao. Tese (Doutorado) - Programa De Pós-Graduação Em Educação – PPGE, Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

LEUNG, Frederick K. S. The Implications of Confucianism for Education Today. **Journal of Thought**, Vol. 33, No. 2, p. 25-36, 1998.

LI, Jun., & HAYHOE, Ruth. Confucianism and higher education. In: BANKS, J. A. (Ed.), SAGE encyclopedia of diversity in education (Vol. 1, pp. 443-446). Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.

MOURA, Alexandra Castro Godinho Gomes de. A Filosofia Confucionista e as Sociedades Modernas. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, Instituto de Letras e Ciências Humanas – Universidade do Minho, Portugal, 2014.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.

PROINTER III, Disponível em <http://www.icenp.ufu.br/system/files/conteudo/3deg_printer_iii.pdf> Acesso em: jan/2023.

SHEN, Jiaping. Confúcio, 551-479 a.C. In: PALMER, Joy. A. (org.), **50 Grandes Educadores: de Confúcio a Dewey**, São Paulo: Contexto, 2008.

SINEDINO, Giorgio. (tradução, comentários e notas) Os Analectos/Confúcio, São Paulo: Editora Unesp, 2012.

TAN, Charlene. Confucianism and Education, 2017. Disponível em <<https://oxfordre.com/education/view/10.1093/acrefore/9780190264093.001.0001/acrefore-9780190264093-e-226>> Acesso em: jan/2023.

YAO, Xinzhong. An Introduction to Confucianism, **Cambridge University Press**, 2000.

WANG, Ting. Understanding Chinese Culture and Learning, AARE Annual Conference, Adelaide, 2006. Disponível em <<http://aare.edu.au/data/publications/2006/wan06122.pdf>> Acesso em: jan/2023.

ZHANG, Weiyuan. Conceptions of lifelong learning in Confucian culture: their impact on adult learners, **International Journal of Lifelong Education**, 27:5, 551-557, 2008. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02601370802051561>> Acesso em: jan/2023.